

Transitando entre diferentes esferas da vida: uma abordagem sobre a multifacetada caminhada de José Comblin II

Transiting between different spheres of life:
an approach to the multifaceted Father José Comblin II

Paulo César Pereira

2 Testemunhos – entrevistas (continuação)

Irmã Celina

■ **Celina**¹ – Não pretendo repetir, porém



confirmo, tudo o que já foi suficientemente esclarecido pelas pessoas que me antecederam, sobre os acontecimentos que foram capazes de provocar um corte nos projetos de formação que se iniciava no Brasil, coordenados e assessorados pelo Pe. Comblin, com o objetivo de formar uma geração de Cristãos com consciência crítica e uma fé adulta. Ação desafiadora para o momento político brasileiro da ditadura militar. Desafio é uma palavra sempre presente nos livros e textos de Comblin (Desafio aos Cristãos do século XXI, em *Vida Pastoral*, n. 12, p. 17-24).

Quero registrar que participei de várias formas dessa história que hoje reescrevemos e que testemunhei alguns acontecimentos. Sofremos com o Pe. Comblin, com D. Hélder, com seus amigos (as) e com as CEBs. Quero, também, como Nordestina e Cearense, tecer algumas referências ao contexto onde parte dessa história aconteceu: no Nordeste.

Embora sabendo que nada acontecerá com os responsáveis por todas as perseguições e calúnias já mencionadas, este momento é de grande importância para a história do Brasil e da Igreja. Ele significa o justo resgate da memória honrosa de luta e compromisso do Pe. Comblin com a causa da libertação dos pobres. Momentos como este já se repetiram por esse imenso país reescrevendo a partir das lutas de organizações populares, dos movimentos da Igreja, o período da ditadura brasileira, onde os arautos da libertação ocupam seu espaço histórico. Na época, contaram com

¹ Por sugestão da autora, descrevemos aqui a íntegra do testemunho de Ir. Maria Celina Correia Leite, CNS-CSA, apresentado na 47ª Caravana da Anistia – Ministério da Justiça, Requerimento de Anistia do Padre Joseph Jules Comblin, no Instituto *Sedes Sapientiae* – SP, às 14h, do dia 26 de novembro de 2010.

o apoio de um grupo de bispos que, na prática, podiam dizer: “Eu ouvi os clamores do meu povo”.

Esta celebração poderá nos ajudar a atender melhor o que o padre Comblin escreve em seu livro: “A força da Palavra”. “Construir uma imagem da verdade de Deus que se está revelando pouco a pouco na história, pela iluminação do Espírito”.

Conheci o Pe. Comblin na década de 60. Com D. Hélder participou de celebrações na paróquia de Ponte dos Carvalhos, onde eu vivia com outras Irmãs da Congregação de Sion. Porém, as primeiras conversas mais importantes com o Comblin aconteceram aqui em São Paulo, no Colégio Des Oiseaux, das Cônegas de St^o Agostinho, onde ele colaborava na formação de jovens religiosas e era professor do Instituto de Teologia Mater Christi.

Estávamos vivendo o Concílio Vaticano II e a partir dos seus documentos começamos a questionar nossa prática missionária. Os encontros com o Comblin foram de fundamental importância na minha vida, ajudando-me no discernimento de que a opção de sair do convento para o engajamento junto aos pobres, além de ser uma atitude evangélica, seria uma resposta aos apelos do Concílio Vaticano II e uma resposta às necessidades da Igreja.

Em 1968 já morávamos no Jardim Nordeste, Zona Leste de São Paulo, quando fomos atingidas pelo vendaval provocado pelo vazamento para a imprensa do documento de base para a II Conferência do CELAM, escrito pelo Pe. Comblin. Adquiri os jornais com o tão

“incômodo” documento. A partir daí acompanhamos a estranha e quase doente reação do vereador do Recife Vandenkol Vanderley, cujo conservadorismo todos nós, no Recife, já conhecíamos.

Algum tempo depois desse episódio, eu estava na feira livre, na zona leste, e escuto uns gritos como se fosse mercadoria à venda: “assinem aqui a lista para expulsar esses padres comunistas”. Aproximei-me dos jovens do TFP (Tradição, Família e Propriedade) e perguntei “quem são os padres?” Entregaram-me a lista e lá contavam os nomes de D. Hélder e Pe. Comblin, e perguntaram-me: “vai assinar?” Eu respondi: “eles não são comunistas, eu os conheço, são meus amigos”. “Não assino”. Foi o suficiente para arrancarem a folha da minha mão dizendo: “a senhora também é comunista”. Assim eram feitas as acusações sem nenhum fundamento.

O Pe. Comblin, que também era professor do Instituto de Pastoral Latino Americano – IPLA, foi meu professor no curso de 1971, em Quito, no Equador. Era assessor de Monsenhor Leônidas Proaño, da Diocese de Riobamba, conhecido como Bispo dos Índios ou Bispo Vermelho. Através do Comblin participei, durante o tempo de permanência no Equador, dos trabalhos da Igreja em Riobamba, onde, à pedido de Monsenhor Proaño, com um sacerdote, começamos a traduzir o “Pedagogia do Oprimido”, de Paulo Freire, que fundamentou os programas educacionais da Igreja de Riobamba. Graças a essa identidade com as orientações teológicas e pedagógicas de Riobamba, tomei conhecimento da prisão

do Pe. Comblin que assessorava uma reunião para 17 Bispos e leigos latino-americanos, sendo todos levados presos para Quito.

Em 1972 eu estava no aeroporto do Recife, aguardando o desembarque do Comblin, juntamente com os representantes dos Movimentos da Diocese de Olinda e Recife. Ficamos todos preocupados ao percebermos que todos os passageiros haviam desembarcados e o Comblin não aparecia. Novamente, uma ordem típica da ditadura impediu a entrada do Pe. Comblin não só no Recife, mas em qualquer parte do território nacional. Foi o terrível e incompreensível 24 de março de 1972 – data da sua expulsão do país, sem nenhuma explicação objetiva. Começou a mobilização liderada por D. Hélder. Pe. Comblin passou depois a viver no Chile onde foi professor da Universidade de Talca, recomeçando tudo após o grande golpe que suspendeu todas as suas atividades no Brasil.

Fomos visita-lo no Chile para realimentar nossa esperança através dos seus ensinamentos e testemunho de vida. Era a época Allende. Voltamos a vê-lo já no período da ditadura de Pinochet e o que observamos indicava que não permaneceria ali por muito tempo. E de fato, em 1980, foi expulso do Chile. Voltando ao Brasil, mesmo como turista, retorna com lucidez e paciência ao seu trabalho, no Nordeste, lá onde estavam os pobres, camponeses, criando os seminários rurais e as missões populares já mencionados nesta tarde.

Como Nordestina e Cearense não posso deixar de mencionar algumas

particularidades da ação de Comblin. Porém, como escreve Zildo Rocha: “o que, talvez, muita gente não saiba é de que essa abertura e disponibilidade ao Espírito de Deus, que fez dele um teólogo comprometido com a realidade urbana e cosmopolita, o levou também a embrenhar-se no interior nordestino, no intuito de formar missionários, inicialmente padres e agora leigos, para o meio rural: ministério que mantém há cerca de 40 anos e a que, de início, chamou de “Teologia da Enxada”, sem dúvida, uma das primícias da “Teologia da Libertação” e hoje... os seus “Centros de Formação Missionária”. Confirmando o que escreve Zildo Rocha, pude vivenciar Serra Redonda, Mogeiro e Bahia. Testemunhado seu modo de trabalhar e organizar os pobres para o trabalho missionário no campo.

No Nordeste, redescobrimo a caminhada da Igreja, descobriu o que ele chama de “espiritualidade cearense”. Identificou-se tanto com o Ceará que parece ter sido adotado pelo meu “Padim Pe. Cíço”, pois cada vez que acontecia algo, como por exemplo a invasão do Centro de Formação Missionária, em Serra Redonda, pela UDR (União Democrática Ruralista) ele não sofre nada. E a gente lhe perguntava: “como escapou dessa?” Ele respondia, “foi graças ao meu padim Pe. Cíço”.

E falava com tanta seriedade sobre a proteção do Pe. Cíço que levei um amigo, teólogo alemão, para conversar com ele, e voltando para Recife, meu amigo me pergunta: “o que ele fala sobre a proteção de Pe. Cíço é verdade?”. “Eu não entendi se

é verdade, se ele acredita mesmo ou é crítica?”. “E tem a imagem na sala”. Deixei-o com a dúvida.

Outro cearense que faz parte de sua vida, além do D. Hélder, é o Pe. Ibiapina, cuja ação missionária é por ele resgatada nos seus escritos. E além de comemorar datas importantes de sua vida lá em Santa Fé, onde repousa Ibiapina, disse querer ficar por lá, quando chegasse seu dia.

Por todo seu trabalho, por sua teologia que surge de um conhecimento da prática e conduz necessariamente à prática; por seu testemunho de vida, por seus recomeços depois de repetidos cortes, há dois símbolos do Nordeste que retratam perfeitamente o Pe. Comblin. O primeiro é o Mandacaru, planta que resiste a seca e ainda salva vidas com suas gotas d'água. É por isso que cantamos: “só Mandacaru, só Mandacaru resistiu tanta dor”. “Como Mandacaru, você é duro José”.

Outro símbolo nordestino da ação do Pe. Comblin é o fogo do monturo. Para quem não sabe é costume no Nordeste juntar folhas, pedaços de madeira, graças a Deus na época não existia plástico. Juntava-se o lixo no quintal e formava o monturo. Aí se tocava fogo. Este vai queimando por dentro sem aparecer na superfície. E queima tudo e por fim cai o aparente. A ação de Comblin é como o fogo de monturo porque vai formando de dentro para fora na mudança de valores, de conceitos, de referências e de atitudes e na compreensão da realidade.

Essa história, meus amigos, essa via dolorosa do Pe. Comblin orquestrada pelas ditaduras militares do Brasil e da

América Latina, diga-se de passagem, uma orquestra bem desafinada em relação ao movimento da história, teve como justificativa seus livros que ao invés de trazerem respostas dogmáticas para a vida da Igreja e da sociedade levantam questões e lembram aos cristãos os desafios que a história apresenta e que devem ser enfrentados. O que para seus discípulos e companheiros significa luzes, reflexões para a prática missionária, por não se tratar de uma teologia abstrata, assustou até a Igreja que se diz conhecedora do assunto, ao ponto do D. Sigaud afirmar que o Pe. Comblin “é um perfeito comunista”. O que não deixa de ser um elogio, porque pior seria defini-lo como “mediocre comunista”.

Na verdade quem, como escreve Sebastião Armando, “é dotado de um especial sentido para farejar ‘atmosfera de heresia’ deve se assustar ao ver nas livrarias, pois não creio que leem, os livros do Comblin com esses títulos, reveladores do seu conteúdo:

- a) “O clamor dos Oprimidos, o clamor de Jesus” – 1984;
- b) “Tempo da Ação – ensaio sobre o Espírito Santo na história” – 1982;
- c) “O Espírito Santo e a liberdade”;
- d) “Teologia da Enxada – uma experiência da Igreja no Nordeste”;
- e) “A fé popular no Nordeste”;
- f) “Cristãos rumo ao Século XXI”;
- g) “Vocação Cristã para a Liberdade”;
- h) “Realidade e desafio ao Cristão de hoje”... Imaginem o tamanho do susto com:

[...] Há dois símbolos do Nordeste que retratam perfeitamente o Pe. Comblin. O primeiro é o Mandacaru, planta que resiste a seca e ainda salva vidas com suas gotas d'água [...] Outro símbolo nordestino da ação do Pe. Comblin é o fogo do monturo [...] Este vai queimando por dentro sem aparecer na superfície. E queima tudo e por fim cai o aparente. A ação de Comblin é como o fogo de monturo porque vai formando de dentro para fora na mudança de valores, de conceitos, de referências e de atitudes e na compreensão da realidade.

- i) “A Ideologia da Segurança Nacional – Poder Militar na América Latina”;
- j) “Teologia da Revolução”;
- k) “Teologia da prática Revolucionária”... Pensem no medo!

Como cristã e, em especial, como Nordestina, agradeço sua luta que não terminou. Parece que há um pacto que ele irá até os 90 anos.

Agradeço por nos ajudar a sonhar com a construção de uma sociedade onde os pobres conquistem seus espaços nas decisões; o que não se trata de inclusão na sociedade atual, que é perversa e excludente; mas na transformação social

para o socialismo. Um socialismo com o rosto, jeito e gingados brasileiros; e a edificação de uma Igreja com traços da espiritualidade própria de seu povo. Uma Igreja onde os camponeses e os pobres se sintam em casa porque ela fala sua linguagem e apresenta um Cristo identificado com sua vida, suas necessidades e sonhos. Uma Igreja que defende a vida em todas as dimensões e que nessa luta operacionaliza junto aos pobres, a razão da encarnação em Cristo: “Eu vim para que todos vida e vida plena”.

Obrigada Comblin por você existir e por nos ter permitido fazer parte da sua história.

Saudações Cearenses. ■

Dom Adriano

■ **D. Adriano** – Meu nome é Adriano Ciocca, sou de origem italiana, vivi de 1979 até 2012 no sertão de Pernambuco, na área semiárida, 13 anos atuando na Diocese de Petrolina e 20 anos na Diocese de Floresta. Destes anos todos, passei 13 anos como bispo na Diocese de Floresta, até 2012. Depois de todo esse tempo vivido no Nordeste



brasileiro, sinto-me mais nordestino que italiano. Em 2012 fui convidado a deixar a Diocese de Floresta para assumir a Prelazia de São Félix do Araguaia, no Mato Grosso. Há seis meses estou atuando nessa Prelazia, que teve como primeiro bispo Dom Pedro Casaldáliga. Ele continua vivendo lá, acompanhando com muita atenção e muita paixão a caminhada de sua Igreja. Assim, estou tentando situar-me nesse novo contexto. Participo desta Romaria porque na Diocese de Floresta

temos contato com o Padre José Comblin desde 2005. Primeiro encaminhamos uma escola de animadores dentro das paróquias como uma espécie de propedêutico para a escola de animadores, que iniciou em 2005 e, graças a Deus, continua até o presente. Acredito profundamente que, se queremos um povo de Deus que seja adulto, temos de dar formação da melhor qualidade e formação continuada. Todos os batizados têm direito a ter acesso a essa formação. Temos de dar prioridade a esse aspecto. A Primeira Romaria Missionária é, depois da morte de Padre José, uma ocasião de verificar como anda essa experiência que nasceu, como disse Dom José Maria Pires, de uma sementinha que tomou desenvolvimentos inesperados. Espero retomar, lá na Prelazia de São Félix do Araguaia, uma escola de animadores que já existiu no tempo de Dom Pedro Casaldáliga, mas que há alguns anos interrompeu-se.

📍 **Paulo César** – Como foi seu contato com Comblin, com a obra dele?

■ **D. Adriano** – Li uma boa parte (senão todos) dos livros e artigos que ele produziu. Quando éramos bispo em Floresta, através do pessoal de Serra Redonda, com quem tinha contato, procuramos por ele para nos orientar numa proposta de formação que fosse articulada e permanente para a nossa Igreja. Veio visitar-nos, participou de um encontro que tínhamos com o pessoal das pastorais da diocese. Conversamos longamente. Ele avaliou que a situação ainda não era madura para ter uma Escola de Animadores e Missionários no padrão

que ele propunha. Mas convidou-nos a ir acompanhando no próprio contexto, nas próprias paróquias as pessoas que já estavam se engajando, ainda que com muito pouca experiência. De modo que houvesse o mínimo de transtorno para as pessoas que ainda não estavam acostumadas a se lançar, mas para que pudessem crescer nesse sentido. Preparamos, com a ajuda dele, um roteiro de temáticas com muitas dinâmicas, muita participação. Em dois anos conseguimos movimentar um número considerável de pessoas. A partir desse grupo iniciamos a Escola Missionária. Desde aquele início vimos mantendo contatos, fosse com a visita dele à nossa diocese, fosse com a nossa ida a Bayeux, conversando e discutindo sobre os diversos assuntos que interessavam à pastoral, sobre a situação da nossa Igreja particular, sobre a questão da experiência da fé do cristianismo no mundo.

📍 **PC** – Na sua vida pessoal, inicialmente como padre e hoje como bispo, o Padre José Comblin teve alguma contribuição?

■ **D. Adriano** – Com certeza. Tinha uma capacidade de análise fantástica. Captava e percebia a realidade, tentando tirar todos os óculos possíveis para encontrar aquilo que de fato eram preconceitos, leituras pré-moldadas. As obras dele refletem uma paixão profunda pela Igreja, uma paixão que o levava a ser, muitas vezes, crítico. Sempre percebi que nas críticas dele transparecia não rancor ou desânimo. Muito pelo contrário, transparecia uma paixão profunda pela Igreja, queria que ela

fosse de fato sinal do Reino, do projeto de Deus.

☞ **PC** – Ele trouxe alguma contribuição efetiva para a Igreja? A Igreja compreendeu Comblin?

■ **D. Adriano** – Dizer se compreendeu ou não, é difícil, porque a Igreja Católica é tão multifacetada. Mas com certeza ele foi mestre e é mestre de um modo de ser, de estar presente dentro da realidade, de um modo de fazer pastoral, que vai servir de referência por muito tempo. Nos últimos encontros que tivemos, lá em Floresta, ele insistia muitíssimo na mística e na espiritualidade, não como fuga da realidade, mas como capacidade de entrar na realidade e espiritualizar a realidade. Se queremos abrir brechas no coração das pessoas, temos de deixar transparecer essa presença, e ter essa força que não é das pessoas mas da graça de Deus.

liberdade e de amor que é Cristo, não de transformar a história da humanidade. Esse movimento tem em si a semente dessa liberdade, desse amor, dessa encarnação dentro da realidade, que são essenciais. O importante é o que o Espírito vai querer. Que Deus nos ajude a responder com generosidade e nos conduza para onde ele quiser.

☞ **PC** – Estamos num momento especial: há poucos dias foi escolhido o primeiro papa latino-americano. Como o senhor acolheu essa escolha?

■ **D. Adriano** – Com bastante esperança. Já o fato da renúncia de Bento XVI, um fato que há quinhentos, seiscentos anos não acontecia, representou algo inédito no cotidiano da Igreja Católica. Com a escolha de um latino-americano quebrou-se um outro tabu, uma situação que parecia engessada, cristalizada há séculos. Agora

[Comblin], tinha uma capacidade de análise fantástica. Captava e percebia a realidade, tentando tirar todos os óculos possíveis para encontrar aquilo que de fato eram preconceitos, leituras pré-moldadas. As obras dele refletem uma paixão profunda pela Igreja, uma paixão que o levava a ser, muitas vezes, crítico. Sempre percebi que nas críticas dele transparecia não rancor ou desânimo. Muito pelo contrário, transparecia uma paixão profunda pela Igreja, queria que ela fosse de fato sinal do Reino, do projeto de Deus.

☞ **PC** – Nesta Primeira Romaria das Escolas Missionárias, comemorando os 90 anos do Padre Comblin, temos centenas de pessoas, pessoas estudadas, com menos escolaridade, leigos... Dá para perceber para onde vai esse movimento?

■ **D. Adriano** – Eu não saberia fazer prognósticos nesse sentido. Acredito que a originalidade da nossa fé, essa força de

vai depender bastante da figura e da capacidade de atuação do Papa Francisco. Que Deus o ajude a ter a coragem de fazer com que a Igreja seja casa e escola de comunhão, como deveria ser. Lá no Vaticano está uma fração mínima da Igreja. E a mídia apresenta o Vaticano e a cúria romana como se fossem a Igreja toda. Naturalmente que lá aparece mais como

centro de poder e não como centro de amor, de espiritualidade, de comunhão. Isso é necessário que mude.

■ **PC** – Quero agradecer Dom Adriano e desejar que seja muito feliz na missão que desempenha lá em São Félix e peço que

leve um abraço para Dom Pedro e lhe diga que nós nordestinos estamos aqui sempre em oração por ele.

■ **D. Adriano** – Com muito prazer levarei esse abraço. E conto com suas orações também. ■

■ **Dom Augusto**



■ **Dom Augusto** – Eu sou Dom Augusto Alves da Rocha, bispo emérito de Floriano, no Piauí. Fui ordenado sacerdote em fevereiro de 1960. Portanto, já no meu DNA está colocado o sentido do Concílio Vaticano II.

Assumi duas paróquias enormes, que, somadas, chegavam a dez mil quilômetros quadrados. Aí fiz a experiência que me levou realmente a acreditar na hipótese da mudança na Igreja, porque durante seis anos nas duas paróquias batizei treze mil crianças e assisti a mil e quinhentos casamentos. Fiquei me perguntando o que seria feito daquelas pessoas que foram agregadas à Igreja, para conformar a Igreja. Onde estariam a essa hora?... Meu paroquiato se resumia a fazer a desobriga: atender as pessoas, despachar... Inquietava-me no sentido de buscar um caminho.

Logo depois do Concílio Vaticano II surgiu a possibilidade de participar, no Rio de Janeiro, de um curso no ISPAL (Instituto Superior de Pastoral Litúrgica). Já foi uma proposta consequente de tudo o que vinha do Concílio Vaticano II. Fomos

catorze sacerdotes do Brasil. Foi quando me dei conta de que o caminho pastoral da Igreja no Brasil deveria ser outro. Não era certo chegar ao povo de cima para baixo. Era necessário primeiro ouvir, constatar o que o povo vivia, quais as suas necessidades. Fizemos uma proposta ao bispo de retomar o nosso trabalho de uma forma diferente. Formamos um grupo de várias pessoas: nós sacerdotes, três ou quatro religiosas e alguns leigos. Passamos dez dias de forma diferente: se, antes, em meio dia a gente despachava, fazia cem batizados de uma vez, agora tínhamos a oportunidade de entrar em casa. Pudemos ver que tipo de práticas religiosas as pessoas tinham, descobrimos que havia líderes ali no meio, pessoas que ficavam absolutamente caladas, isoladas nas comunidades, quando o padre chegava, porque o padre sabia fazer as coisas. Então foi nascendo em nós uma nova possibilidade, começamos a organizar essa comunidade, colocando essas pessoas em atividade: participar na liturgia da Palavra, no culto dominical, preparação para a liturgia, administração. Começou uma descentralização na vida prática, com as pessoas.

Com quinze anos de padre fui chamado a Roma para assumir uma diocese. E deu-se comigo aquele fato de encontrar-me em Roma no dia mesmo da nomeação. Tive a sorte de me aproximar de Paulo VI, numa das audiências. No final ele se aproximou dos bispos e pude dizer a ele:

– Santo Padre, o senhor nomeou-me, ontem, bispo para uma diocese com apenas cinco padres!

Ele disse:

– O Espírito Santo vem!

Comecei a entender que a Igreja não era minha. Não sou eu o dono da Igreja. É o Espírito de Deus que vem guiar. Então parti para a aventura. Essa circunstância de tão poucos padres me deu a chance de me convencer de que o laicato era a grande maioria da Igreja e de que, portanto, cabia aos leigos, juntamente com o bispo e os poucos padres, assumir a vida da Igreja. Fui sentindo que essas ideias que fervilhavam, que os teólogos se punham a discutir e a propor, eram realmente o que batia com as definições do Concílio Vaticano II e o que nos levava a compreender que a Igreja é o povo de Deus. Isso me fortaleceu bastante. Nessas circunstâncias surgiu a possibilidade de conhecer o Comblin. Já o conhecia um pouco, de longe, pelas notícias. Tive a sorte de a nossa Diocese de Picos fazer fronteira com a Diocese de Juazeiro, o que nos possibilitou vários encontros. Com a organização das Escolas de Formação em Juazeiro, propusemos também a algumas pessoas de Picos a participação. Claro que nada disso acontecia sem dificuldades. Havia reações também internas, querendo

manter a Igreja escudada na hierarquia, na liderança absoluta do padre, que era quem dava as cartas. Mas a gente entendia que o Concílio explicitava que o Espírito é quem guia: quando todos estavam juntos é que deveria brotar toda a programação. Esse contato com Comblin foi muito importante, pois ia confirmando em mim um tipo de proposta teológica com os pés no chão, com os pés na realidade. Nunca pude entender o afastamento de uma teologia em que Deus era o ente supremo que determinava as leis. Eu entendia que Deus veio até nós, tornou-se uma pessoa humana como nós, caminhando conosco, e nos querendo também encher com seu Espírito, com a força do seu Espírito. O padre Comblin deixou para nós um manancial de intuições. O que mais me encantava nele era a coragem de refletir e propor. Ele podia parecer duvidoso nas colocações, mas amava a Igreja, amava tanto que tinha uma vontade muito grande de purificá-la de tudo o que pudesse maculá-la: toda essa superestrutura, tudo o que veio acumulando em termos de “valores” puramente humanos seria dispensável, pois não é a substância. Então ele foi se tornando para nós um mestre. E fomos convocando essas pessoas para fortalecer a caminhada na diocese. Chegamos a ter cento e vinte, cento e cinquenta pessoas refletindo junto, numa diocese que tinha pouquíssimos padres. O primeiro sacerdote eu vim a ordenar em 1979, quatro anos depois, o Padre Antônio Lemos, que ainda hoje trabalha na Diocese de Picos.

Quando deixei a diocese já eram vinte padres trabalhando, um número mais

animador, apesar das dificuldades. Quando assumi a diocese eram dezenove municípios, que se multiplicaram, e quando saí já eram uns quarenta. Nunca fomos capazes de acompanhar, de encontrar soluções para atender essa necessidade de transformação. Era a dificuldade de uma Igreja muito reservada, ciosa, e talvez medrosa para convocar os leigos a assumirem ministérios, como se fôssemos perder todo o patrimônio, entregando para eles. Na minha avaliação pessoal, muitos leigos não conseguiram assumir a sua própria vocação, a sua identidade leiga na Igreja. Foram mais clericalizados do que assumidos como leigos: no trabalho, na escola, na família...

Mas Comblin foi para nós o mestre que ajudava a manter o nível de esperança em nossa caminhada pastoral. Eu me senti muito ajudado pessoal e pastoralmente à frente da Igreja. Ele foi inspirador da caminhada de uma Igreja que queria ser comprometida com o povo, que queria dar vez aos pequenos. Naturalmente, uma Igreja que sofreu, ao longo dessa caminhada, todas as manifestações de repulsa da parte de uma sociedade que queria outra coisa. Enfrentamos todo aquele drama da ditadura, ameaças, mas também tivemos o privilégio de nossa Igreja convocar profetas do nosso tempo. Como não tínhamos muitos recursos pessoais, apelávamos para a fraternidade desses profetas: Dom Pedro Casaldáliga, Dom Angélico Bernardino, Dom José Maria Pires, Dom José Frago, Dom Hélder Câmara, Dom Valdir Calheiros, Dom Marcelo Pinto Carvalheira... Todos eles passaram por Picos, participando de

momentos de assembleias - tínhamos três anualmente – para juntos desse povo reunido sentir o que o Espírito pedia de todos nós. Havia sempre, aqui e acolá, alguma reação: “Essa Igreja precisa se reunir com os padres para traçar o rumo...” E a gente sempre acreditando nesta proposta. De tal forma que tivemos, por exemplo, numa ocasião, uma experiência em que duas leigas da diocese pregaram no retiro para nós. Isso foi alentador, como reforço para a caminhada. Depois, esse grupo de missionários do campo foi também uma força a mais que encontramos, e que ainda hoje perdura, mesmo sofrendo as vicissitudes da caminhada e das propostas. Já faz dez anos que deixei a diocese, que agora assume outra forma de caminhar. Mas estes, que foram formados pelas Escolas de Formação Missionária do Comblin, permanecem com a marca profunda de um tipo de teologia mais vivida do que falada, do que teorizada, uma teologia enraizada na vida. Encarnaram essa dimensão e estão seguindo, vivendo. Isso conforta a gente. Espero que perdure.

■ **Paulo César** – O senhor teve alguns outros momentos com Comblin, durante a caminhada?

■ **D. Augusto** – Não tive tantas ocasiões. Um poucas vezes encontrei-me com ele em Juazeiro, que era mais perto da diocese, [...] e em Serra Redonda, quando eu vinha visitar os alunos que participavam da Escola. O que mais me impressionava era o jeito simples de Padre Comblin querer colocar as coisas. Nunca ele se apresentava como alguém que está dando

as cartas, estabelecendo normas, impondo ideias. Era uma pessoa que escutava bastante, valorizava enormemente o chamado, falava muito também pelo silêncio, pelo testemunho. Era uma pessoa que analisava tudo, parece que tinha um olho clínico, como se batesse uma radiografia, como se tivesse enxergando realmente o que se passava embaixo. Como é que um sujeito escondido nestas regiões tinha tudo isso diante de si para traçar, falar, descrever com tanta facilidade de interpretar segundo o Espírito de Deus? Era uma pessoa que juntava todas as informações. Deixava transparecer, nos escritos que era pessoa muito bem informada, muito bem formada, de grande profundidade espiritual. Tudo isso aparecia na exteriorização dele, na simplicidade, na roupa, nos gestos. Aquele aspecto da fé que ele tinha na Igreja. Ele amava tanto que às vezes parecia que tinha pena da Igreja por ela estar naquela situação de descaracterização, de desrespeito, porque não fomos capazes de zelar pela figura da Igreja. Quando falava sobre a estrutura não era para atacar, no sentido depreciativo, mas era o amor que carregava, querendo vê-la esplêndida, realmente segundo o molde do Espírito que aparecia no do Concílio. Ele tinha essa visão conciliar. Isso me acompanhou bastante durante a vida.

📍 **PC** – Estamos participando da Primeira Romaria Missionária, lembrando os noventa anos do Padre Comblin. Vimos, nestes dias, muitas pessoas, vindas de diversos lugares, pessoas estudadas, cultas, outras leigas mas com uma sabedoria tão

grande participando, dando sinais de libertas, de liberdade. Como o senhor vê tudo isso, qual o sentimento que lhe vem ao coração ao perceber que ainda estão ativas, trabalhando? Para onde vai todo esse movimento?

■ **D. Augusto** – Para responder a essa pergunta eu queria me servir da imagem que você usou hoje pela manhã no nosso encontro: não precisamos aqui do marketing da sociedade moderna. Hoje tudo é feito no marketing, na montagem espetacular, da televisão, da mídia, e se a gente não faz isso, não consegue muita coisa. Hoje não se consegue juntar gente sem fazer isso. Mas estamos aqui com quase quinhentas pessoas! Realizando isto no sistema de mutirão, na simplicidade das estruturas, e vendo aparecer com força os talentos! Só pode ser manifestação do Espírito! Não somos nós que conseguimos isso, é o próprio Espírito! É por isso que os pobres conseguem alcançar muita coisa: juntam-se, enfrentam toda sorte de dificuldades, de obstáculos e conseguem realizar! Aí é que está a força! Creio que o contrário é que manifesta a fragilidade da Igreja e das estruturas do marketing. Com essa aposta toda no marketing, a gente pode esperar que um dia isso vai cair. A minha convicção é de que temos o futuro pela frente. Se a gente for capaz de manter essa animação aqui embaixo, desses pequenos grupos, vamos realmente chegar a algum lugar, conduzidos pelo Espírito de Deus. Claro que precisamos estar bastante alertas porque o mundo está pronto e armado para nos cooptar. Pois, na medida em que a gente vai melhorando as

condições, humanamente falando, a gente pode perder o entusiasmo, pode perder o pique, porque pode cair no conformismo e depor as armas da luta, da batalha.

■ **PC** – Depois de tantos anos, as Escolas de Formação Missionárias ainda têm importância?

■ **D. Augusto** – Creio que esse caminho escolhido pelo Padre Comblin, que corresponde à ideia que ele fazia de Igreja, e à pedagogia que ele adotava colhendo também muito da prática de Paulo Freire, é o caminho do futuro de todos nós. Porque o mundo da informação é muito técnico e pouco reflexivo. Você aprende a manusear um aparelho que lhe dá as informações, mas elas não são fruto da sua reflexão pessoal, da sua descoberta, pela busca, pela pesquisa. Então não pode haver uma contribuição valiosa, naturalmente. É que hoje o ter suplantou o ser. E essa busca desenfreada pelo ter vai, por vezes, se dispensando da cultura. O processo coloniza a pessoa. A consciência que a pessoa vai obtendo é que vai lhe dando a força, que lhe vai abrindo as possibilidades da mente e do coração.

■ **PC** – O senhor foi e é parte de todo esse movimento, de toda essa realização. O senhor se sente feliz com tudo isso que aconteceu?

■ **D. Augusto** – Por tudo o que me toca em relação às Escolas me dou muito por

satisfeito. Fico feliz por ter tido essa oportunidade. Distanciei-me um pouco no

tempo, porque fui convocado para assumir outra realidade, que enfrentava outras situações bastante diferenciadas. Encontrei, então,

uma Igreja mais antiga, porque com a de Picos eu comecei do zero; na outra, encontrei uma caminhada com muitas definições já estabelecidas. Mas sempre vivi um sentimento, vamos dizer, de saudade de algumas vivências como fruto dessa experiência daqui. O valor das comunidades de base não me dava a sensação de perder minha função como pastor, que era uma das acusações: de que o bispo perdia a autoridade, que cedia à democracia. Mas eu tinha a sensação de que convocando as pessoas não perdia, ao contrário, me fortalecia nas convicções e na responsabilidade também de ajudar o grupo todo a ser fiel ao Espírito e não à minha palavra. Se eu percebia algum distanciamento, era minha obrigação alertar, para juntos irmos descobrindo o caminho. Tanto assim que realizamos um sínodo diocesano, percorrendo, por três anos, as comunidades: as comunidades se manifestavam, depois recebiam de volta as respostas de todos, para retomar a questão, ir clareando... Tudo isso foi colocado num livro – nem sei se ainda é possível encontrá-lo – “O caminhar de uma Igreja nordestina”. Foi o ISER que nos ajudou a acompanhar o sínodo, que

Comblin foi para nós o mestre que ajudava a manter o nível de esperança em nossa caminhada pastoral. Eu me senti muito ajudado pessoal e pastoralmente à frente da Igreja. Ele foi inspirador da caminhada de uma Igreja que queria ser comprometida com o povo, que queria dar vez aos pequenos.

procurou definir um rumo, nessa linha. Então me senti muito fortalecido, muito alegre, confiante, e apostando que o caminho a seguir é esse das Escolas, porque está sendo adotado o mesmo caminho de Jesus. Nada formal, tudo sendo construído num mutirão permanente.

▫ **PC** – Hoje o senhor está com quantos anos?

■ **D. Augusto** – Em junho vou para oitenta.

▫ **PC** – Quero agradecer ao senhor pelo seu trabalho, seu empenho, por ter colocado sua vida a serviço.

▫ **Dom José Maria Pires**

▫ **Paulo César** – Dom José, quando e como foi que o senhor conheceu o Pe. Comblin?

■ **Dom José Maria Pires** – Pe. José



Comblin foi um sacerdote belga que deu uma contribuição muito positiva a todo o Nordeste, num período da maior dificuldade, o da ditadura militar no Brasil. Veio para Recife, a pedido de Dom Hélder, e ali começou o trabalho de formação. Dava cursos, atendia aos jovens. Ele não era bem-visto. Fez todo um trabalho escolar com os seminaristas, com os acadêmicos, sobre o que era a Segurança Nacional. Uma cópia desse documento de estudo caiu nas mãos dos militares. Começou, então, a perseguição a

■ **D. Augusto** – Pois é, vamos caminhando, esperando que o Senhor abra a nossa mente, o caminho, para abraçar também as outras Igrejas que tentam abrir brechas para esse caminho, em meio às dificuldades que se vão apresentando. O Evangelho é sempre novo, é um bauzinho onde se encontra tudo o que é de novo e de antigo – um tesouro, o Antigo e o Novo Testamento. É por aí que a gente deve continuar, firme. Oxalá, essa avalanche de observações que estamos fazendo, nos leve a uma renovação. ■

Comblin, acusado de comunista, de marxista. Até católicos assinaram um abaixo-assinado pedindo a expulsão do Comblin. Um dos católicos que assinaram foi o Dom Frágoso. Ele passou e um rapaz falou:

– Vem assinar aqui um documento contra o comunismo.

– Ah! é contra o comunismo? Então eu assino. – Era para a expulsão do Padre Comblin (risos). Quando chegou em casa e lhe explicaram, disse:

– Tirem minha assinatura.

Para ver o clima como era!

Não havia um motivo para expulsá-lo.

– Então fazemos assim: esperemos ele sair do Brasil, e então ele não volta.

Como Comblin tinha aulas também na Bélgica, periodicamente tinha

de ir até lá. Ele não sabia que havia um decreto secreto declarando que se ele saísse não poderia voltar, não teria visto no passaporte para entrar. Foi, deu o curso tranquilamente, voltou ao Rio de Janeiro. O pessoal o vê descendo do avião e fica esperando por ele. Mas nada de ele chegar na sala de desembarque. Telefonaram para Dom Hélder, que entrou em contato com pessoas que poderiam informá-lo e soube do tal decreto secreto declarando que o Comblin não entraria mais no Brasil. Ficou retido no aeroporto esperando o primeiro voo para a Europa, para voltar para lá. Mas, com sua sabedoria, Comblin avaliou: como não estava expulso da Argentina, poderia conseguir o visto de entrada para a Argentina. Da Argentina para o Brasil não precisaria apresentar passaporte, bastaria a carteira de identidade. Só não poderia ficar muito tempo, pois, se descobrissem, seria deportado, seria preso, etc. Passaria uma semana com os seminaristas, aproveitando o máximo do tempo, sairia do Recife, iria para algum lugar no interior. Assim fez.

Num dos encontros, pensou-se num seminário rural, pois havia muitas comunidades de base. E o Concílio Vaticano II diz que nenhuma comunidade poderia sobreviver sem a celebração da Eucaristia. Para celebrar a Eucaristia é preciso o ministro ordenado, mas não há padres para isso. De vez em quando conseguem um padre da cidade, que chega lá, celebra e sai correndo, sem contato nenhum com a comunidade. Então se pensou: não seria possível as comunidades indicarem alguns dos seus elementos que elas acham que podem ser padres? Então

essas pessoas fariam um estudo, não de onze anos, mas de seis anos, em três etapas de dois anos. Na primeira etapa, para aprenderem melhor o português, a escrita, etc.; na segunda etapa, já estudariam filosofia, mas bem simplificada; e na terceira etapa, estudariam filosofia e teologia. Enquanto estudam, também trabalham. Horário de trabalho e horário de estudo. Horário de trabalho: cuidar das galinhas, cuidar dos porcos, das plantas... Serra Redonda virou um jardim. Nos fins de semana iam para a feira levando ovos, galinhas, hortaliças, para a manutenção deles. Tinham de provar que depois teriam condições de se manter. De cinco em cinco anos se mandaria um relatório para a Santa Sé contando toda a história da diocese. Eu achava importante esse trabalho de formação de padres para a zona rural com um esquema reduzido. Mas veio uma carta de Roma estranhando muito que eu tivesse organizado na diocese um curso que não atendia as exigências mínimas para a formação sacerdotal.

E agora? Reunimo-nos, Comblin, Maria Emília, Irmã Agostinha, que ainda está viva, eu e um professor que era funcionário do Banco do Brasil. Cada um deu sua opinião. Então temos de parar?... Comblin disse:

– Vamos mudar o nome. Em vez de Seminário, vamos chamar de Centro de Formação Missionária. Não mais para formar padres, mas para formar missionários. Formados os missionários, o bispo avalia o desempenho deles e se quiser ordená-los padres, pode ordenar. Sem precisar licença nem de Roma nem de ninguém. O bispo tem autonomia de

ordenar para sua diocese aqueles que ele julgar que darão conta do trabalho a ser confiado a eles. Se é um trabalho rural, ninguém melhor que esse pessoal que vive no campo.

Assim começou a formação de missionários. Deu muito certo. Mas e o mundo feminino? Bom, por esse tempo Comblin já podia voltar para o Brasil. Quando chegou, fomos ao aeroporto, todos com medo, levamos até advogado... Fomos, Dom Hélder, Dom Paulo Evaristo, eu. Vimos Comblin descendo do avião. Passou tranquilamente pela área de desembarque. Alívio! Pronto! Está vivo!...

Comblin começa o trabalho. O Centro de Formação Missionária: lá no fundo o quarto dele, mais à frente o salão enorme, com os livros dele. Ali dava as aulas para os alunos. Depois saía com aquele chapéu de palha, naquele sol, para visitar a comunidade tal, às vezes a pé. O homem se dedicou inteiramente a isso... Formam-se os primeiros missionários, começam a trabalhar, o trabalho é excelente. Alguns foram ordenados.

E o mundo feminino? Ele começa com um grupo em Mogeiro. A casa paroquial é bastante grande, tem espaço. Foi diferente do Centro de Formação Missionária, onde ficavam internos. Em Mogeiro eram temporadas. Tinham o curso durante um mês, e voltavam para casa. Depois, os dois grupos começam a se entrosar. Houve até missionário que se casou com missionária.

Então Comblin vê que o ambiente é bom, mas que ele poderia fazer mais. Leva a mesma mensagem para outros lugares. Pudemos testemunhar aqui no

encontro o grande número de jovens: como são entusiasmados, como rezam, como participam, como falam! Um pessoal que realmente tem uma força por dentro. Verdadeiros missionários. E de maneira própria: se estão na agricultura, são agricultores, trabalham no trabalho do povo. Já celebrei missa com alguns deles que se ordenaram. Pegar nas mãos deles, aquelas mãos grossas, de quem trabalha na enxada. Que coisa mais bonita! Durante o dia trabalham no roçado, como os outros, conversando, trocando ideia... De tarde, todo o mundo toma o banho, e eles vão fazer a celebração. Os que são padres celebram a missa. Uma missa bem participada, o povo todo fala na primeira parte da celebração, todos dão sua opinião, pessoas do meio deles mesmo é que fazem as leituras. O padre completa a explicação, mas é tudo partilhado. É uma coisa linda! Acho que deve continuar, na Igreja. Mas para isso é preciso que bispos se entusiasmem pela coisa.

Meu sucessor foi Dom Marcelo. Deu continuidade. Depois, com muitas viagens, não podia fazer tantas reuniões. Mas, pelo menos, deu liberdade aos padres que quiseram trabalhar.

Depois de Dom Marcelo entrou Dom Aldo. A tradição dele é de homem de cidade, não do campo. Não tem a alma para poder animar um trabalho como esse. O bom seria haver padres que pudessem fazer isso. Há alguns, mas em número muito pequeno para um trabalho grande como esse. O admirável é que mesmo sem o apoio de padres – um ou outro apoia –, mas com o apoio de alguns bispos, no sentido de concordar, aceitar, esse trabalho

segue em frente. Aqui, por exemplo, este centro de Santa Fé não é das Escolas de Formação Missionária, é da diocese. No entanto o bispo vem aqui, apoia. O bispo anterior fez uma remodelação. Depois do Padre Ibiapina, que começou a obra aqui, tudo ficou abandonado, uma tapera. Ninguém deu continuidade ao trabalho dele. Mas como a casa era muito bem construída, Dom Muniz empenhou-se em recuperá-la e ampliar o espaço para atividades. O auditório foi Dom Muniz quem construiu. Isto pertence à Diocese de Guarabira. É um centro que até poderia ser mais bem aproveitado, porque durante o ano não é tão ocupado para encontros. Talvez se se fizesse, como era lá em João Pessoa o nosso CENTREMAR (Centro de Treinamento Miramar), onde o Banco do Brasil, outros bancos, várias entidades faziam seus encontros, cursos, e pagavam as despesas, de maneira que esse aluguel pudesse garantir nossos encontros, sem que nosso pessoal precisasse pagar. Cada um traria o que pudesse, uns trariam rapadura, outros um pouco de feijão, para ajudar nas despesas, mas sem precisar pagar nada da casa: água, energia elétrica... Os serviços da cozinha poderiam ser feitos em mutirão.

▣ **PC** – A convivência do Padre Comblin com o senhor, ele muito visado politicamente, trouxe alguma dificuldade?

■ **D. José Maria** – Sempre tivemos um relacionamento muito bom. Participei de todas as solenidades dele. Quando ele fez cinquenta anos de padre, vim, presidi a celebração, fiz a homilia. Ele sempre escrevia para mim. Qualquer coisa que

acontecia ele sempre me informava. Ele me respeitava como bispo, e eu o respeitava como teólogo. Um ajudando o outro. O teólogo não pode fazer as coisas sozinho, ele precisa de quem lhe abra as portas. O bispo não pode fazer sozinho, não só porque não teve aquela preparação, mas também porque o tempo dele é tomado pela pastoral. Não dá para o bispo escrever, escrever; teria de deixar um tanto a pastoral. Então o bispo precisa muito do teólogo e o teólogo precisa muito do bispo.

▣ **PC** – O senhor enfrentou alguma dificuldade na Igreja por acolhê-lo como padre?

■ **D. José Maria** – Não, não. Até porque, naquele tempo, era Dom Hélder no Recife, Dom Manuel Pereira em Campina Grande e Dom Zacarias em Cajazeiras. Depois foi criada a diocese de Guarabira e Dom Marcelo, que era meu bispo auxiliar, assumiu. O núncio até achava que ele não seria apropriado para isso, era místico, mas insisti que não, que ele não iria ser “beneditino” agora, que isso seria para o fim da vida dele... Assim Dom Marcelo foi o primeiro bispo de Guarabira. Quando me aposentei ele foi transferido de Guarabira para João Pessoa, ficou sendo arcebispo da Paraíba. Com setenta e cinco anos veio a renúncia e ele vive com os beneditinos num dos mosteiros deles. Fez um trabalho muito bom, mas não tinha muita saúde, e tinha muitos compromissos fora.

Eu ficava com a diocese, visitava as paróquias todas. Eu estava sempre presente. Nunca indiquei um monsenhor para fazer crisma em meu lugar. Eu fazia todas. Dom Marcelo tinha diversos

compromissos na CNBB e fora do Brasil. Ficava a noite toda respondendo cartas. Era dez anos mais novo que eu, no entanto estava naquela situação... Não se trata de cuidar só da saúde, mas não se pode deixar de tomar certas medidas em vista da saúde: alimentação na hora certa, ter o tempo suficiente de sono... Aí, você pode trabalhar, seu organismo está devidamente tratado.

▣ **PC** – Dom José Maria, pode-se dizer que a Igreja não compreendeu Comblin, ou que Comblin não compreendeu a Igreja?

■ **D. José Maria** – Não. Os dois se compreenderam muito bem. O que não houve foi compreensão por algumas autoridades. Veja, alguns teólogos foram suspensos por Roma. Leonardo Boff, por exemplo. Jon Sobrino. Roma mandou uma carta recomendando um silêncio obsequioso: não dê aulas nas faculdades, não escreva em jornais nem revista. Jon Sobrino está obedecendo isso ainda. Leonardo Boff obedeceu, durante muito tempo. Depois as coisas mudaram, ele deixou a ordem, tornou-se leigo, casou-se. No começo ele continuou nas nossas reuniões. Podia falar, mas não podia publicar coisa nenhuma.

Comblin não teve nenhum problema aqui, em João Pessoa, Campina Grande... No Sul havia alguns bispos que estranhavam a linguagem dele. O que era para criticar, ele criticava. Coisas que eram lá da Santa Sé, do cardeal tal, ele colocava tudo muito claro, mas citando os textos da bíblia ou dos teólogos. Ele realmente incomodou. Não houve problema aqui, mas o profeta sempre incomoda.

▣ **PC** – Alguma área do pensamento dele chamava a atenção?

■ **D. José Maria** – Apesar de ser um homem letrado e de vir de um país do Primeiro Mundo, chamava a atenção o seu compromisso com os pobres, com a Igreja pobre. O Concílio era para ele como um breviário. No Concílio se falou de uma Igreja que faz opção preferencial pelos pobres. A CNBB, logo após o Concílio, adotou isso quase que como norma sua. O Comblin realmente fez opção pelos pobres, não só pelo que ele escreve, mas porque foi viver pobre. Um homem da cultura dele, com os recursos dele vem morar aqui no sertão da Paraíba, levar vida mais simples. Ele poderia perfeitamente estar aí num carro com motorista por conta dele. Mas não, andava a pé pela Paraíba, para ir com os outros, para poder sentir a vida dos outros. Marcou pelas atitudes. O lugar em que morava, a sacristia ao lado da igreja, só tinha uma pequena divisão para o banheiro e a cama dele. O resto, aquele salão enorme com os livros. Trabalhava ali.

▣ **PC** – O senhor teve muitos encontros com ele, muitas conversas. Houve algum momento especial, simbólico?

■ **D. José Maria** – Durante esses anos falaram mais forte aqueles momentos de celebração. Por exemplo, quando ele fez cinquenta anos de padre, eu vim, com romaria, de caminhar. Participei da romaria. Quando fez sessenta anos, foi a outra romaria. Foi aí que ele veio até aqui, junto à sepultura do Padre Ibiapina e disse:

– Já escolhi onde quero ficar quando eu morrer. É aqui – apontou. – Assim fico perto de um santo. O pessoal vem rezar para o santo e sobra um pouquinho para mim (risos).

Momentos interessantes também foram os encontros. Ele falava de uma maneira que impressionava. Pegava os textos, ia destrinchando, mostrando o sentido bíblico, o sentido teológico. Impressionava também pelos gestos.

▣ **PC** – Estamos nesta Primeira Romaria, lembrando os noventa anos que Padre Comblin estaria completando. Centenas de pessoas de diversas comunidades, de diversos movimentos, num espírito muito bonito. Dá para sentir para onde caminha essa Igreja?

■ **D. José Maria** – Algumas coisas me trazem animação muito grande. São os encontros intereclesiais de base e encontros como este. O último intereclesial foi em Porto Velho. Particpei de todos os intereclesiais. Mas quando escolheram Porto Velho, pensei: meu Deus, Porto Velho? Vai ter muito pouca gente. Só gente do Nordeste vai lá. Olhe, foi o encontro que teve mais gente e o mais bem organizado. Vinha gente do Rio Grande do Sul, já sabendo qual era o roteiro, onde o ônibus iria parar no primeiro dia para levar as pessoas pelas casas, sabendo o lugar das refeições, o lugar para dormir. No dia seguinte, já sabia para onde iria. Como essas comunidades são realmente organizadas! Outro espetáculo é o que estamos tendo aqui. Meu Deus, tanta gente, de tanto lugar diferente, e a ordem que flui, sem atropelo algum! O respeito

aos outros nas filas, ninguém querendo passar a frente, todo o mundo contente! Vejo que as comunidades estão vivas. Isto não é encontro de comunidades de base, é um encontro específico de um trabalho ligado ao Comblin. Se fosse encontro das comunidades de base talvez tivesse mais gente ainda. E há quem diga que as comunidades de base acabaram. Não acabaram, estão cada vez mais vivas. O que houve com as comunidades foi o seguinte: num período após o Concílio não tinha quem tomasse certas decisões. Por exemplo, os sindicatos estavam amordaçados, tinham medo de tomar certas atitudes. Partidos políticos não estavam fazendo nada. Então as comunidades estavam assumindo um espaço que não era o delas, defendendo, por exemplo, agricultores. Não é função das comunidades de base. Podem até colaborar, mas não é sua função. Acabada a ditadura, os sindicatos voltaram a ter força, então as comunidades já não entravam mais no campo dos sindicatos. As comunidades ficaram muito mais dentro delas mesmas. O que é a comunidade de base? É a Igreja na base. Leonardo Boff tem um livro exatamente sobre isso: Ecclesilogênese, o nascimento da Igreja. A Igreja que nasce da base. Quais os dois grandes limites da comunidade? De um lado, a realidade; do outro lado, a Palavra de Deus. Então vem a ação: como Deus está vendo isso? Será que Deus está gostando disso? Será que Deus queria que a vida da gente fosse assim? De acordo com a reflexão bíblica – aí entram os teólogos -, a gente reconhece que Deus é Pai, que não quer assim. Então, o que

vamos fazer? Vamos ter de fazer aquilo que está no livro do Êxodo: Deus mandou o povo sair do Egito e o vai amparando, abre o Mar Vermelho, faz chover o maná, até chegarem na terra prometida. O que Deus quer? Deus quer a libertação. A única teologia que serve para o povo é a teologia da libertação. Porque é aquela que é baseada na Palavra de Deus. A outra teologia pode ser muito boa, a chamada teologia especulativa, mas não resolve nada, hoje. A situação hoje é diferente: problema de terra, de escola, de estrada. São os problemas que estão maltratando o povo. Uma teologia que ajuda o povo a se organizar para resolver os problemas, essa é a verdadeira teologia da libertação.

▣ **PC** – A gente está vivendo um momento muito diferente, talvez único: a escolha, de há poucos dias, do novo papa. Como o senhor vê a escolha do papa Francisco, o primeiro latino-americano?

■ **D. José Maria** – Não é questão de ser latino-americano. Poderia ter sido africano, ou de qualquer outro lugar. O que alegria a gente é ver que é um homem que tem os pés no chão. Um homem que já tem uma prática de caminhar com o povo. Os primeiros gestos dele... Você já pensou um papa ir buscar a mala dele no hotel? Pagar a conta do hotel? É uma pessoa simples, voltada mesmo para o povo! Se isso continua, vamos ter uma verdadeira revolução na Igreja. Ele vai encontrar muita dificuldade. A Igreja está com

[Comblin], apesar de ser um homem letrado e de vir de um país do Primeiro Mundo, chamava a atenção o seu compromisso com os pobres, com a Igreja pobre. O Concílio era para ele como um breviário. No Concílio se falou de uma Igreja que faz opção preferencial pelos pobres. A CNBB, logo após o Concílio, adotou isso quase que como norma sua. O Comblin realmente fez opção pelos pobres, não só pelo que ele escreve, mas porque foi viver pobre.

determinados problemas, que estão sendo levantados, e estão sendo assumidos por pessoas. Não é brincadeira mexer com essas pessoas. Se ele é aquilo que estamos pensando, ele não vai brigar com ninguém, vai chamar essas pessoas:

– Olhe, estou precisando de você em tal lugar. Queria que você fizesse isto pra mim...

Ah! o cardeal foi promovido, foi lá não sei pra onde, embaixada tal (risos)...

▣ **PC** – Podemos, então, dizer que a esperança dos pobres vive?

■ **D. José Maria** – Ah! sim! e agora ainda mais com o novo papa. A esperança dos pobres não é do papa, não, é de uma Igreja mais próxima do povo. Se esse papa está mostrando isso, então a esperança cresce. A influência é muito grande, porque o tom que ele der é o tom que é dado à Igreja. ■

3 Considerações finais – “A esperança dos pobres vive”

Pelos testemunhos aqui apresentados, podemos perceber diferentes fisionomias de um mesmo personagem. Ouvimos a voz que vem da aldeia, do assentamento rural, do homem que por opção se instalou no campo, da academia e também de oficiais da igreja, aqui representada por pessoas que sempre foram comprometidas com a mesma e que por ela dedicaram as suas vidas. Cada um e cada uma deu a sua versão, relatou a sua própria experiência, comunicou as suas impressões, expressou desejos e se manifestou livremente sobre a convivência com aquele que por muitos é considerado como um dos maiores teólogos da América Latina, pois, embora a sua origem seja européia, ninguém o considera como tal, tendo em vista a maneira como incorporou a nossa cultura e a força com que assumiu o

compromisso de libertação desse povo, em especial o brasileiro.

O que ficará desse legado para as gerações futuras pode ainda ser uma grande incógnita, mas, a julgar pelos sinais presentes nas palavras e gestos desses aqui mencionados e de tantos outros que tiveram o privilégio de conviver com o padre José Comblin, podemos esperar ainda muita coisa boa para acontecer. Há uma parcela da igreja que caminha, por vezes se sentindo na contramão, mas, apesar das lutas, acredita no futuro e como num coro, em alto e bom som, a uma só voz proclama: **“A esperança dos pobres vive. Sim, a esperança dos pobres vive”**. ■

Trabalho recebido em 21/05/2013.

Aceito em 10/06/2013.